

## DA H(UMA)NIDADE ÀS HUMANIDADES: A FAVOR DAS COSMOVISÕES INDÍGENAS

Giovanna Pelliccione Girota de Souza<sup>8</sup>

### RESUMO

A partir do conceito de *necropolítica* proposto por Achille Mbembe, o presente estudo pretendeu abordar uma série de considerações feitas pelos indígenas Ailton Krenak e Davi Kopenawa em relação às subjetividades contemporâneas *brancas*, ou seja, sobre os modos de ser e estar *coloniais* no mundo atual. Para tanto, buscou-se evidenciar as cosmovisões que ambos os autores compartilham, em contraposição a uma ideia única e homogeneizante que os *brancos* (não-indígenas) possuem do planeta Terra. A partir de uma análise *decolonial*, realizou-se a investigação das noções de *humanidade* e *generosidade* como elementos fundamentais constituintes de cosmovisões indígenas, elaborados pelos autores em *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A queda do céu*, respectivamente, em conjunto com a análise sobre a concepção de *mercadoria* proposta por ambos.

**PALAVRAS-CHAVE:** indígenas; cosmovisões; decolonial; humanidade; mercadoria.

### RESUMEN

Partiendo del concepto de *necropolítica* propuesto por Achille Mbembe, este estudio intentó abordar una diversidad de consideraciones hechas por los indígenas Ailton Krenak y Davi Kopenawa acerca de las subjetividades contemporáneas *blancas*, o sea, acerca de los modos de ser y estar *coloniales* en el mundo actual. Para eso, se buscó poner en evidencia las cosmovisiones que los dos autores comparten, contrapuesto a una idea singular y homogeneizante que los *blancos* (no-indígenas) tienen del planeta Tierra. Desde una análisis *decolonial*, se realizó la investigación de las nociones de *humanidad* y *generosidad* como elementos fundamentales constituyentes de las cosmovisiones indígenas, producidas por los autores en *Ideas para adiar o fim do mundo* e *A queda do céu*, respectivamente, en conjunción con la análisis acerca de la concepción de *mercadoria* propuesta por los dos.

**PALABRAS-CLAVE:** indígenas; cosmovisiones; decolonial; humanidad; mercadoria

<sup>8</sup> Discente do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é evidenciar a crítica que os indígenas Ailton Krenak e Davi Kopenawa fazem às subjetividades *brancas* contemporâneas, ou seja, ao modo como as sociedades não-indígenas se relacionam entre si e a visão de mundo que possuem. Para ambos os autores, a estima dos brancos pela *mercadoria* é tanta, que todas as suas relações, inclusive sua interação com a Terra, é baseada em termos de consumo. Assim, contrários à lógica do mercado, ao *modus operandi* dos brancos, em *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A queda do céu*, respectivamente, Krenak e Kopenawa apresentam as suas cosmovisões, suas alternativas de ser e estar no mundo e conduzem a crítica para destacar e resgatar questões de cunho político, ou seja, questões que não só competem ao governo, mas a todos enquanto coletividade, responsáveis socialmente, enquanto cidadãos do mesmo país.

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (grifo nosso)”<sup>9</sup>. Isso é o que proclama o Artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em referência aos direitos e garantias fundamentais, individuais e coletivos de sua população. Contudo, na mesma medida em que as leis que compõem a Constituição são patentes, a violação e a irregularidade de sua aplicação é evidente. Diariamente é possível constatar como o Artigo supracitado é constantemente transgredido, principalmente quando diz respeito aos indígenas que habitam o Brasil.

Entre um contingente de notícias pavorosas que assolaram a população brasileira desde o início da pandemia causada pelo novo Coronavírus em 2020, no décimo dia do mês de maio de 2021, o país se deparou com mais um escândalo: garimpeiros invadiram o território indígena Yanomami e abriram fogo contra a população indígena na região do Palimiú, situado no estado de Roraima, ao norte do país. Este ataque, que de acordo com o noticiário<sup>10</sup> resultou em pelo menos cinco feridos - dentre eles indígenas e garimpeiros - não foi nem o primeiro e nem o último a ocorrer contra a comunidade Yanomami, mas certamente foi mais um crime noticiado, dentre tantos, que acabou por

<sup>9</sup> Cf. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

<sup>10</sup> Cf. Conflito armado entre garimpeiros e indígenas deixa feridos na Terra Yanomami. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/10/conflito-armado-entre-garimpeiros-e-indigenas-deixa-feridos-na-terra-yanomami.ghtml>>

cair no esquecimento do restante das milhões de pessoas que não possuem a vida ameaçada cotidianamente.

A constante iminência de novos ataques criminosos contra os povos indígenas brasileiros, bem como o desprezo e a negligência por parte da população *branca*, não-indígena, que ignora o sofrimento diários dos povos originários do Brasil e o descumprimento das leis que oferecem apoio e proteção às comunidades indígenas, constituem um projeto político, incessantemente orquestrado, que define os cidadãos, como salienta De Moraes, de acordo com um “caráter duplo: racista e classista”<sup>11</sup>, portanto, conforme seu montante de riquezas, e de acordo com a falaciosa noção de raça, que segundo Mbembe, “foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros - ou a dominação exercida sobre eles” (grifo nosso).<sup>12</sup>

Achille Mbembe, filósofo e cientista social camaronês, considerado um dos grandes pensadores da atualidade, tornou-se referência em suas áreas de atuação ao cunhar e aprofundar-se conceitualmente do termo *necropolítica* em seu ensaio, publicado pela primeira vez em 2003, cujo título leva o mesmo nome.

A palavra necropolítica, oriunda da junção de dois termos aparentemente distantes e distintos, institui uma novidade semântica e crítica em seu uso. Crítica tal, que se afina e complementa aos questionamentos propostos pelos os indígenas Krenak e Kopenawa. O termo *necro* é utilizado como um indicativo de morte, ou seja, faz referência aos corpos mortos. Quando aliado ao substantivo *política*, que carrega etimologicamente o sentido de coletividade e que, de modo geral, diz respeito à arte de governar, engendram a necropolítica, que literalmente denota a política da morte, e mais especificamente, a política da “morte racista” e classista, que agride, prejudica e afronta as minorias, dentre as quais, os indígenas.

<sup>11</sup>DE MORAES, Wallace. A necrofilia colonialista outrocida (NOC) no Brasil. Revista Estudos Libertários.

<sup>12</sup> MBEMBE. A. Necropolítica, p. 18.

## NECROPOLÍTICA E BIOPODER

Em *Necropolítica*, Mbembe desenvolve o conceito de mesmo nome tomando por fundamento a noção de *poder* desenvolvida por Michel Foucault em suas pesquisas genealógicas. Foucault (1926-1984), foi um intelectual extremamente influente em diversas áreas do conhecimento contemporâneo. Isso se deve ao fato dele ter transitado por outros domínios do saber para além do seu. Graduado em filosofia e psicologia pelas universidades Sorbonne e École Normale Supérieure da Rua D’Ulm, respectivamente, o filósofo ficou conhecido por posicionar-se de modo diferente face aos saberes constituídos em sua época.

Apesar da constante preocupação com a noção de “verdade” e dos processos de formação da “subjetividade”, ambos os conceitos adquiriram, ao longo de sua trajetória intelectual, diferentes enfoques teóricos, que acabaram por modificar o modo pelo qual foram destacados em suas obras. Esses enfoques teóricos foram demarcados pelos estudiosos do autor em reconhecidos “três eixos”, a saber: a *arqueologia*, período em que Foucault se concentra na investigação sobre a constituição de determinados saberes acerca do homem, a *genealogia*, período em que o pensador estuda mais a fundo sobre os mecanismos para o funcionamento do poder, e a *ética*, último período, no qual o filósofo trata de questões sobre a formação do homem enquanto sujeito ético.

A analítica do poder, compreendida enfaticamente na segunda fase da produção intelectual de Foucault, pretendeu ressignificar as noções de poder e de seu exercício. Para tanto, o filósofo fez uso do método genealógico, ou seja, uma forma de abordagem dos estudos históricos, que como afirma Maria Cristina,

(...) considera sentidos, valores e crenças culturalmente compartilhados bem como os modos de se configurar a subjetividade como produção histórico-cultural. [...] uma perspectiva que desnaturaliza sentidos e crenças arraigados; [...] desdobrando a premissa anterior, a investigar a produção histórico-cultural das “verdades” que funcionam e são acreditadas em dadas formações históricas. (FERRAZ, M.C. pp.163-178, 2013).

Além de o próprio Foucault ter desenvolvido seus trabalhos baseando-se nessa perspectiva genealógica, essa metodologia é fundamental para a compreensão e avaliação dos saberes consolidados até os dias atuais. Tal abordagem permite a compreensão dos valores, das rupturas e dessemelhanças de cada época, justamente por não considerá-los engessados culturalmente, ou seja, somente concebendo os valores e crenças a partir de seu caráter contingencial, deslocando a concepção de causalidade,

crença no sujeito, e uma metafísica da origem. Tal como elucidada Ferraz, “para o olhar genealógico, nada *teria de ter aparecido* na história, nenhum sentido ou valor se apresenta como uma fatalidade. Todos eles provêm de um solo, de determinadas condições de existência, de certas pulsões”.<sup>13</sup>

A importância de uma compreensão genealógica da história, consiste em destacar o caráter contingente dos princípios que constituem os tempos históricos e reconhecer, dessa forma, que os valores e crenças são produzidos por sujeitos, de acordo com uma determinada configuração social, e por isso são mutáveis e condicionais. A partir dessa concepção, Foucault produziu sua analítica do poder e identificou que, a despeito das dessemelhanças em suas formas de execução, o poder só pode ser entendido enquanto uma relação. Em outras palavras, o poder só o é no plural: enquanto relações de poderes.

Assim como os valores de uma determinada época, os poderes são múltiplos, móveis e pressupõem sempre, a liberdade. As relações de poder, de acordo com Foucault, consistem na capacidade de afetar e ser afetado, de transformar o comportamento e permitem a emergência de sentidos e afetos múltiplos. Foram essas características que o filósofo identificou na configuração de cada poder estável temporalmente: no poder *soberano*, que corresponde ao poder de “deixar viver e fazer morrer”, um poder repressivo e abusivo; no poder *disciplinar*, traduzido nos termos de “fazer viver e deixar morrer”, que atua sobre os corpos individuais e produz normatizações a partir da dimensão binária do bom e do mal; o *biopoder*, ou poder de *controle*, que atua sobre a população e se preocupa em produzir um comportamento padrão aceitável, gerenciando todas as esferas da vida humana.

É a partir desse referencial teórico que Mbembe fundamenta e aprofunda a noção de necropolítica. Relacionando o conceito de biopoder com a ideia de soberania, o autor inicia uma série de reflexões não apenas sobre a vida, ao “domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu controle”<sup>14</sup>, mas principalmente no tocante à morte, uma vez que o poder soberano exerce controle justamente “sobre a mortalidade” dos corpos.

<sup>13</sup> FERRAZ, M. C. Genealogia, comunicação e cultura somática. p. 164.

<sup>14</sup> MBEMBE, A. Necropolítica, p. 5-6.

Para Mbembe, o período que historicamente foi determinado como modernidade, tornou propícia a emergência de diversas crenças, mas principalmente a crença na "razão" e em uma noção de "sujeito", que possibilitaram, efetivamente, o exercício do biopoder e do poder soberano. A consolidação de uma razão estabelece, inevitavelmente, um duplo paradigma: o da "Verdade", ou seja, do que é certo e verdadeiro, e o da ficção, do que não corresponde à racionalidade determinada, o lugar do erro. A razão ocupa um lugar central na modernidade ocidental, porque sua instituição define normas a serem seguidas tanto na esfera pública, quanto na privada.

Na esfera pública, é a política que se desenvolve e se determina aos termos desta razão instituída. Já na esfera privada, é com base nessa razão que a crença no sujeito se fundamenta. O sujeito moderno apropria-se da razão como uma verdade incontestável e a partir disso promove seu "eu", seu ego, sua individualidade, como um "agente plenamente moral".<sup>15</sup> Pelas palavras do autor: "Nesse paradigma a razão é a verdade do sujeito, e a política é o exercício da razão na esfera pública. O exercício da razão equivale ao exercício da liberdade, um elemento-chave para a autonomia individual".<sup>16</sup>

Ancorada na crença da autonomia do sujeito moderno que a noção e o exercício de soberania se fixou. Como salienta Mbembe,

Soberania é, portanto, definida como um duplo processo de 'autoinstituição' e 'autolimitação' [...] O exercício da soberania, por sua vez, consiste na capacidade da sociedade para a autocriação pelo recurso às instituições inspirado por significações específicas sociais e imaginárias.

Contra essa definição, o autor constrói sua crítica à política soberana ao reconhecer que tal política, ao contrário de seu "projeto central", cuja proposta se concretiza na "luta pela autonomia"<sup>17</sup>, realiza "a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material dos corpos humanos e populações".<sup>18</sup> Para Mbembe, são essas formas de soberania e não aquelas idealizadas na modernidade, que compõem o contingente do espaço político atual.

De um modo geral, em seu ensaio, Achille Mbembe ressalta que a necropolítica "diz respeito à subjugação da vida ao poder da morte e, enquanto tal, influencia de

<sup>15</sup> *Ibid* p.10.

<sup>16</sup> *Ibid* p.10.

<sup>17</sup> *Ibid* p.10.

<sup>18</sup> *Ibid* p.10 - 11.

forma decisiva as relações entre resistência, sacrifício e poder”.<sup>19</sup> Apesar de manter a noção de biopoder como o fio condutor de suas análises, o filósofo camaronês evidencia, ao relacionar a biopolítica com as noções de raça, ideologia de classe, terror, guerra, e estado de exceção, que essa forma em que o poder se manifesta, não atua somente no gerenciamento dos corpos vivos, no controle da população e na sua obediência, mas também atua na gestão da morte de seus indivíduos. Na análise do autor, o biopoder, “este velho direito soberano de matar”<sup>20</sup>, direciona seu gerenciamento sobre os corpos e grupos e se encarrega de selecionar “as pessoas que devem viver e as que devem morrer”.<sup>21</sup>

### “UM ABUSO DO QUE CHAMAM DE RAZÃO”

Enquanto o sujeito moderno fundava suas crenças e justificava suas condutas atrozidades baseadas em uma razão instituída, Ailton Krenak, ao refletir sobre a vida contemporânea, articulou uma frase que, aos olhos atentos, decretou o fim da racionalidade que vigorou na modernidade ocidental: “É um abuso do que chamam de razão”.<sup>22</sup>

Que razão é essa que permite que uma montanha sagrada no Quênia se transforme em um *parking*? Que razão é essa que corrobora para a devastação de uma floresta a favor das práticas criminosas do garimpo e mineração ilegais? Que razão é essa que concorda com o extermínio de uma comunidade, que admite o genocídio em prol da ganância, da ambição e da intolerância?

Em uma análise simples, mas absolutamente potente, Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo*, articula grandes questões que afetam atualmente a vida cotidiana das populações ao redor do mundo. Em um grande elogio à Terra, sua obra é um passeio pela história. O indígena, muito consciente do seu lugar no mundo, faz alusão aos tempos coloniais, narra brevemente histórias e costumes de algumas comunidades indígenas, reflete sobre o grande mito da sustentabilidade, critica o modo de viver

<sup>19</sup> BONTEMPO, V.L. Achille Mbembe: a noção de necropolítica.p. 13

<sup>20</sup> MBEMBE. A. Necropolítica, p. 10.

<sup>21</sup> *Ibid.* p. 17.

<sup>22</sup> KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo.p.19



contemporâneo e apresenta uma esperança, uma visão de mundo alternativa à dos *brancos*, uma cosmovisão.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak, de maneira geral, apresenta uma reflexão política, que atinge a todos os seus leitores sem exceção, quando questiona a ideia de *humanidade* que se possui atualmente. Ao perguntar “como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade?”<sup>23</sup>, Ailton Krenak provoca uma hesitação no leitor que não sabe quem é (somos) o “nós” da indagação. A resposta a essa pergunta permeia cada página do livro, porque diz respeito, como elucidada Eduardo Viveiros de Castro, às “relações que nos constituem”.<sup>24</sup> Essa obra, no final das contas, propõe uma reflexão sobre uma “humanidade”, aquela humanidade da razão moderna, que concebe a existência do “Outro como uma ameaça mortal ou perigo absoluto”<sup>25</sup>, e seus efeitos (materiais e de outras ordens) na Terra.

Para criticar a humanidade homogênea e homogeneizante que vem se configurando até os dias atuais, Krenak parte da ideia de que o homem *branco*, no interior da sua racionalidade, instituiu um processo de distanciamento da Terra. A razão colonial, moderna, engendrou uma ficção no entendimento humano e instaurou uma cisão: detentor da razão, da verdade sobre o mundo, o homem não faz mais parte da natureza, não se entende como tal, se sente superior e a sobrepuja, a supera. Partindo desse pressuposto, ambos, a natureza e o homem, passam a adquirir um estatuto diferenciado: na mesma medida em que o humano afirma sua proeminência, a natureza perde sua organicidade, sua sacralidade, seu encantamento e se torna instrumento, recurso para o uso e o deleite do homem.

O divórcio do homem com a natureza e a produção da ideia de uma humanidade “correta”, que vive a vida de modo “verdadeiro”, exacerba a necropolítica à qual Achille Mbembe faz referência, uma vez que subjuga todos aqueles que se posicionam contrários à lógica da artificialidade, da destruição e do extermínio. Como Krenak exhibe em seu livro, a humanidade que se concebe superior e extraordinária, em sua caminhada

<sup>23</sup> *Ibid*, p. 10,11

<sup>24</sup> *Ibid*, p.77

<sup>25</sup> MBEMBE. A. Necropolítica, p. 20.



alienante da Terra, produz a “sub-humanidade<sup>26</sup>”, aqueles “que ficaram meio esquecidos pelas bordas dos planetas”, os marginalizados, “uma gente que fica agarrada na terra”.<sup>27</sup>

Os “sub-humanos”, descritos por Krenak como os “caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes”<sup>28</sup>, se inscrevem em um espaço e uma temporalidade diferente dos humanos. O tempo do homem branco, é o tempo do capitalismo, da *mercadoria*. Diferente dos indígenas, a humanidade homogênea ocidental vive em um tempo-espaço onde tudo vira objeto de consumo, inclusive sua própria existência. Dentro dessa lógica, as coisas se esvaziam de sentido e simbolismo, perdem sua história, e são estimadas exclusivamente aos termos do lucro, do dinheiro.

Davi Kopenawa, em seu livro *A queda do céu*, exhibe uma narrativa que contextualiza e mostra o lugar que a mercadoria ocupa em sua comunidade e, em contrapartida, na rotina dos homens brancos. Para Kopenawa, a “paixão pela mercadoria” se constitui na ordem do excesso: “por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido”.<sup>29</sup>

Para a comunidade Yanomami, as mercadorias devem ser distribuídas, passadas à diante, e seu valor é inestimável: a troca de objetos cria ou reforça laços de amizade entre os povos, e faz parte de um ritual fundado nos tempos primordiais (compreendido em uma mentalidade mítica). Não somente as alianças e amizades se definem no movimento de presentear, de trocar objetos, mas também o caráter da pessoa (do indígena), é avaliado conforme sua disposição de se desfazer dos “seus” objetos. A generosidade ou a avareza de uma pessoa define suas relações e seu *status* na aldeia pro resto da vida.

De modo enxuto, há uma grande discrepância entre os indígenas e os não-indígenas, no modo de conceber, entender e avaliar os objetos, as mercadorias. Pelas palavras do líder Yanomami: “Trocamos bens entre nós generosamente para estender a nossa amizade. Se não fosse assim, seríamos como os brancos, que maltratam uns aos outros sem parar por causa de suas mercadorias”.<sup>30</sup>

<sup>26</sup>KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo.p. 21

<sup>27</sup> *Ibid*, p. 24

<sup>28</sup> *Ibid*, p.21

<sup>29</sup> KOPENAWA, ALBERT, B. D. *A queda do céu*. p. 407

<sup>30</sup> KOPENAWA, ALBERT, B. D. *A queda do céu*. p. 414.

Quando se cria o imaginário de que uma existência vale mais que outras, abre-se o caminho para a necropolítica, para o direito soberano de matar. A morte deve ser aqui amplamente entendida: não apenas como a morte dos corpos físicos, mas a morte daquilo que dá sentido à própria existência, a morte daquilo que ocupa uma "dimensão transcendente"<sup>31</sup>. E em referência aos povos indígenas, a política da morte os assola, em todos os aspectos, há mais de 500 anos - e segue contando.

Há menos de uma semana, o Supremo Tribunal Federal (STF) deu início a um julgamento que definiria a demarcação das terras indígenas com base em um critério chamado “marco temporal”. De acordo com tal critério, as comunidades indígenas só poderiam reivindicar a demarcação de terras que teriam sido ocupadas por eles anteriormente à data da promulgação da Constituição de 1988. De acordo com a Constituição, “a demarcação de terras indígenas é um direito garantido, que estabelece aos indígenas o chamado "direito originário" sobre as suas terras ancestrais. Isso quer dizer que eles são considerados por lei os primeiros e naturais donos desse território, sendo obrigação da União demarcar todas as terras ocupadas originariamente por esses povos”.<sup>32</sup>

Contudo, ao mesmo tempo em que o homem branco, colonial, contemporâneo, em sua racionalidade ocidental, impõe seu modo de vida aos “sub-humanos” - por meio de seus artifícios e tecnologias - existe, persiste, como há muito, muita resistência. Como bem salienta Krenak, “ ‘tem quinhentos anos que os índios estão resistindo’ ”<sup>33</sup>. Sua resistência é fruto, de acordo com ele, da expansão de suas subjetividades, “não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais”.<sup>34</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob uma perspectiva *decolonial*, este estudo pretendeu relacionar três grandes pensadores da atualidade, a fim de pensar uma história “a contrapelo”. A partir das obras *Necropolítica*, *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A queda do céu*, procurou-se

<sup>31</sup> KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. p. 43

<sup>32</sup> O que é o marco temporal sobre terras indígenas: entenda o que está em jogo no julgamento do STF. Em 27/08/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/27/o-que-e-o-marco-temporal-sobre-terras-indigenas-entenda-o-que-esta-em-jogo-no-julgamento-do-stf.ghtml>>

<sup>33</sup> KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. p. 31

<sup>34</sup> *Ibid*, p.31

demonstrar como as minorias, os “sub-humanos”, foram e continuam sendo execrados, maltratados, desconsiderados e exterminados durante séculos, fruto de uma mentalidade fundada em uma noção de razão, na falaciosa e pretensiosa ideia de “Verdade”, que ainda hoje promove a uniformização e a normatização dos corpos e das populações. Tal razão fundamentou a biopolítica que, como foi abordado, pretende gestionar não somente a vida das populações e indivíduos, mas também quer controlar o âmbito da morte, determinando os grupos que devem morrer e que podem viver. Assim também foi feita a referência ao conceito de *soberania*.

A despeito da narrativa violenta que o homem colonial branco construiu, destacou-se também a visão de mundo que as lideranças indígenas Ailton Krenak e Davi Kopenawa possuem, em meio a tantas perdas e destruições. Para ambos os autores, a forma como os não-indígenas habitam a Terra, corresponde à lógica do consumo, da mercadoria, que se fundamenta em uma ruptura que desconsidera, por sua vez, o homem como partícipe da natureza. Atentos ao rumo que essa forma de vida encaminha a todos, tanto Krenak, quanto Kopenawa apresentam e discutem suas alternativas para ser e estar nesse mundo, suas *cosmovisões*, de modo que a preencher a terra de sentido novamente e enaltecer a pluralidade que nos compõe enquanto humanos, sem que isso represente uma ameaça ou um perigo iminente ao outro, aos diferentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONTEMPO, V.L. *Achille Mbembe: a noção de necropolítica*. In: *Sapere aude* – Belo Horizonte, v. 11 – n. 22, p. 558-572, Jul./Dez. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.

DE MORAES, Wallace. *A necrofilia colonialista outrocida (NOC) no Brasil*. Revista Estudos Libertários.

FERRAZ, M. C. *Genealogia, comunicação e cultura somática*. Revista FAMECOS, mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v.20, n.1, pp. 163-178, janeiro/abril 2013.

KOPENAWA, ALBERT, B. D. *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. n-1 edições. São Paulo, 2020.

MUCHAIL, S. Foucault: Uma introdução. *Trans/Form/Ação*. São Paulo, 3: 127-40. 1980.

\_\_\_\_\_. Foucault, Simplesmente. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, FERNANDES, V. V. *Conflito armado entre garimpeiros e indígenas deixa feridos na Terra Yanomami*. Boa Vista, em 10/05/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/10/conflito-armado-entre-garimpeiros-e-indigenas-deixa-feridos-na-terra-yanomami.ghtml>>

*O que é o marco temporal sobre terras indígenas: entenda o que está em jogo no julgamento do STF*. Em 27/08/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/27/o-que-e-o-marco-temporal-sobre-terras-indigenas-entenda-o-que-esta-em-jogo-no-julgamento-do-stf.ghtml>>